

Herança e trauma: representações da ditadura e da pós-ditadura na narrativa chilena contemporânea

Tatiana de Aquino Mascarenhas
Bacharel em História – FFLCH USP
Mestre em Psicologia Social – IP USP
amtatian@gmail.com

Resumo: Nos últimos vinte anos, um número importante de autoras e autores chilenos têm se voltado para a história recente do país em romances que tensionam o passado – a infância durante a ditadura – e o presente – a vida adulta que busca formas possíveis de retorno e elaboração de uma experiência vivida supostamente nas margens. Enquanto alguns pesquisadores têm chamado esse conjunto de narrativas de “relatos da pós-memória”, outros têm optado pela expressão “literatura dos filhos”. Nesta apresentação, com base em um projeto de pesquisa, buscaremos apresentar, por meio dos romances *Formas de voltar para casa*, de Alejandro Zambra, e *A subtração*, de Alia Trabucco Zerán, como a ditadura e a pós-ditadura aparecem representadas. Também serão abordadas brevemente questões relativas ao trauma e à disputa de memórias entre gerações.

Palavras-chave: Literatura chilena; Ditadura chilena; Memória.

Nos últimos anos, autoras e autores chilenos têm revisitado o passado recente de seu país por meio da literatura. Nona Fernandez, Alejandro Zambra, Maria José Ferrada, Alia Trabucco Zerán e Andrea Jeftanovic¹ são alguns desses nomes que, em comum, guardam o fato de terem vivido seus primeiros anos de vida durante a ditadura de Augusto Pinochet. Nessas incursões literárias pelos anos de autoritarismo, esse grupo de escritoras e escritores lança luz sobre a condição dos filhos tanto dos opositores quanto dos apoiadores do governo imposto. Em alguns desses casos, as narrativas estão centradas na infância dos personagens e se passam inteiramente durante a ditadura, em especial nos anos 1980; é o caso do conto *A necessidade de ser filho*² e das novelas *Space Invaders*³ e *Kramp*⁴. Já nos romances *Formas de voltar para casa*⁵ e *A subtração*⁶ – foco desta apresentação – os protagonistas já alcançaram a maturidade e vivem no Chile pós-ditatorial.

¹ Com a exceção de Alejandro Zambra que, já há algum tempo, tem sido publicado no Brasil, os demais foram traduzidos em nosso país somente agora, e isso graças ao esforço de editoras independentes em dar visibilidade para uma literatura latino-americana que vá além dos nomes consagrados e ligados ao fenômeno editorial e comercial do *boom*.

² JEFTANIVIC, Andrea. *A necessidade de ser filho*. In: Jeftanovic, Andrea. *Não aceite caramelos de estranhos*. São Paulo: Mundaréu, 2020.

³ FERNANDEZ, Nona. *Space Invaders*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020.

⁴ FERRADA, Maria José. *Kramp*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020.

⁵ ZAMBRA, Alejandro. *Formas de voltar para casa*. São Paulo: Planeta, 2019.

⁶ ZERÁN, Alia Trabucco. *A subtração*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020.

No livro de Alejandro Zambra, duas narrativas correm em paralelo. Em uma delas (capítulos 1 e 3), um primeiro narrador relembra sua infância, durante a qual vivia parcialmente afastado dos acontecimentos políticos do Chile de Pinochet. Filho de uma família de classe média, cujos pais nada fizeram para contestar a ditadura, ele se via mergulhado em uma condição de constante alheamento e silêncio, recebendo apenas respostas imprecisas para as questões que colocava. Após o terremoto de 1985, ele se torna amigo de Claudia, filha de um homem que vivia na clandestinidade. Por meio desse vínculo, o personagem amplia um pouco sua visão do mundo para além do universo familiar, mas é apenas com o amadurecimento e a transição para a pós-ditadura, que ele alcança uma compreensão maior do que ocorria no Chile de sua infância. Com isso, passa a conviver com a culpa e a vergonha pela omissão de sua família. Já nos capítulos 2 e 4, acompanhamos um escritor que, com dificuldade, busca escrever um romance. Logo ficamos sabendo que a narrativa dos capítulos 1 e 3 é justamente parte de sua produção. Os pontos de contato entre escritor e personagem são muitos, tanto que frequentemente temos a sensação de ler passagens repetidas. O jogo de espelhos indica, assim, que o livro que está escrevendo é uma forma de revisitar o próprio passado, afinal ele também foi filho de pais que se omitiram durante a ditadura.

Já no romance *A subtração* (2020), acompanhamos três filhos de diferentes famílias: Iquela, Felipe e Paloma, cujos pais militaram juntos em um grupo de esquerda, mas encontraram destinos diferentes: os de Paloma se exilaram na Alemanha, os de Iquela ficaram no Chile para continuar a luta na clandestinidade e o de Felipe foi morto e desaparecido. Em 2013, ano no qual transcorrem os acontecimentos centrais da narrativa, Paloma retorna do exílio com a missão de enterrar sua mãe em solo chileno. O caixão, no entanto, se extravia, indo parar na Argentina. A partir disso, os três filhos se reúnem para buscar o corpo, missão que possui diferentes pesos para cada um dos personagens. No entanto, para todos eles significa uma possibilidade de conciliação com o passado e, acima de tudo, a reivindicação de suas memórias.

Nesta apresentação buscaremos compreender como os dois autores representaram a ditadura chilena e o período da pós-ditadura, que se iniciou com a saída de Pinochet do poder e o início dos governos da *Concertación*. Além disso, abordaremos brevemente a questão dos traumas ligados ao período ditatorial e as disputas de memórias em jogo, considerando-se as duas gerações que, nesses romances, ora dialogam, ora divergem em suas perspectivas.

Tendo em vista que esta pesquisa está em seu início, esta exposição não tem qualquer caráter conclusivo, mas sim busca apresentar alguns tópicos que têm nos mobilizado, assim como esboçar uma reflexão preliminar.

Categorias em debate: literatura dos filhos e pós-memória

Em seu trabalho de análise das obras já citadas, a crítica literária e as pesquisas acadêmicas têm, com frequência, mobilizado duas categorias: “literatura dos filhos” e “pós-memória”. A primeira surgiu em um contexto literário, e não acadêmico: a resenha *La literatura de los hijos*, de Alejandro Zambra⁷, sobre o livro *Correr el tupido velo*, escrito por Pilar Donoso e publicado em 2009. Em 2011, o mesmo nome foi utilizado em um dos capítulos de *Formas de voltar para casa*. A partir de então, diversos pesquisadores e críticos literários têm retomado a expressão para se referir a um conjunto de romances ou contos que, apesar de ancorados na ficção, tomam como referência a biografia de suas autoras e autores, especialmente o fato de que, todos eles, viveram o início de suas vidas durante a ditadura militar. Para Lorena Amaro⁸ – que também se vale da expressão “relatos de filiação” –, esses textos abordam a política a partir da experiência infantil e, ao mesmo tempo, a experiência infantil a partir da política. No entanto, como aponta a autora, mais que crianças, os personagens dessas narrativas são filhos, e é deste lugar que parte sua enunciação.

Já a categoria pós-memória foi desenvolvida por Marianne Hirsch⁹ e tem sido adotada por alguns pesquisadores que estudam a memória de períodos históricos traumáticos. Segundo a formulação de Hirsch, a pós-memória seria a memória da geração seguinte àquela que viveu diretamente os acontecimentos. Na relação entre as duas gerações, a transmissão das experiências se daria de modo tão profundo e carregado de afetos, que os filhos experimentaríamos essas memórias como próprias – seriam, no fim, memórias das memórias. Apesar dessa categoria ter sido desenvolvida no contexto de debates sobre a Shoah, ela tem sido utilizada também para se referir às memórias dos filhos daqueles que viveram diretamente as experiências das ditaduras na América Latina.

⁷ ZAMBRA, Alejandro. *La literatura de los hijos*. In: ZAMBRA, Alejandro. *No leer*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2009.

⁸ AMARO, Lorena. *Formas de salir de casa, o cómo escapar del Ogro: relatos de filiación en la literatura chilena reciente*. *Literatura y Lingüística*, n. 29, 2013. p. 109-129.

⁹ HIRSCH, Marianne. *The generation of postmemory*. *Poetics Today*, n. 29, v. 1, 2008, p. 103-128.

Em resposta a essa formulação, Beatriz Sarlo dedicou um capítulo de seu livro *Tempo Passado*¹⁰ para avaliar se essa categoria atenderia, de fato, a uma necessidade ou se apenas seria um “impulso de inflação teórica”. Em sua argumentação, aponta que os traços atribuídos exclusivamente à pós-memória – seu caráter mediado, vicário e fragmentário – seriam, na verdade, comuns a qualquer outra operação de memória. Em relação à primeira característica, a mediação, defende que são poucos os fatos do passado que podem ser reconstituídos por operações de uma memória direta; todo o resto é informado e construído por meio do discurso de terceiros, ou seja, mediado. Quanto ao caráter vicário, a crítica argentina aponta que “toda narração do passado é uma representação, algo dito no lugar de um fato”¹¹ e, assim, a operação de substituição não seria exclusiva da pós-memória. Por fim, quanto ao aspecto fragmentário, argumenta que, desde que se abandonaram as pretensões de grandes sínteses e totalizações, toda tentativa de reconstituição do passado tem como evidente sua fragmentação, tendo em vista seu recurso ao relato (esse sim inevitavelmente fragmentário) e as lacunas das fontes. Desse modo, Beatriz Sarlo entende que a categoria “pós-memória” seria inútil e, enquanto conceito, só aceitável por duas características: o envolvimento afetivo do sujeito que “lembra”, na medida em que ele está atravessado por interesses pessoais e familiares, e o caráter não profissional de sua tentativa de reconstituição do passado. No entanto, mesmo essa ressalva não contribui para sustentar a manutenção da categoria, já que, ao fim de sua elaboração, Sarlo mostra como os filhos processam a memória dos pais de formas variadas.

Como próximos passos desta pesquisa, partindo desse debate conceitual, pretendemos refletir sobre duas questões: em primeiro lugar, se existem características gerais compartilhadas por estas obras que possam agrupá-las sob uma categoria única; em segundo lugar, caso essa unidade exista, se a definição de uma categoria é pertinente do ponto de vista teórico ou se, apenas responderia a necessidades editoriais.

Representações da ditadura e da pós ditadura em Formas de voltar para casa e em A subtração

Um ponto comum às duas narrativas são os diferentes impactos da ditadura na vida dos adultos, o que fica bastante evidente no romance *A subtração*, no qual os pais dos protagonistas sofreram diretamente o medo da prisão, da tortura e o exílio. Consuelo, mãe de

¹⁰ SARLO, B. Pós-memória, reconstituições. In: SARLO, B. *Tempo Passado*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 90-113.

¹¹ Ibid. p. 93.

Iquela, encarna bem o estado de tensão constante desses militantes, sempre atentos à proximidade do perigo, traço mantido mesmo depois do fim da ditadura. Já em *Formas de voltar para casa*, as sequelas do período ditatorial aparecem nos pais da personagem Claudia, que veem suas vidas modificadas a partir do momento que Roberto precisa assumir outra identidade para escapar da perseguição política, e num dos professores retratados no livro, permanentemente marcado pela violência do regime:

Certa manhã três ladrões que fugiam da polícia se refugiaram no estacionamento do colégio, e os policiais os seguiram e dispararam dois tiros para o alto. Assustados, nos deitamos no chão, porém, uma vez passado o perigo, ficamos surpresos ao ver que o professor chorava debaixo da mesa, com os olhos apertados e as mãos nos ouvidos. (...) Encontrei o professor dias depois, num recreio. Perguntei-lhe como estava e ele agradeceu o gesto. Percebe-se que você sabe o que eu vivi, disse ele, em sinal de cumplicidade. Claro que sabia, todos sabíamos: tinha sido torturado e seu primo era desaparecido político.¹²

Esse terror vivido por alguns chilenos durante a ditadura, no entanto, convive com o aparente distanciamento de parte da população em relação aos acontecimentos sociais e políticos dos anos 1980, aspecto trabalhado por Zambra em *Formas de voltar para casa*. Logo nas primeiras páginas desse romance, vemos uma referência a Pinochet que, durante a infância do narrador, era apenas um “(...) personagem de televisão que conduzia um programa sem horário fixo”¹³. Também é bastante significativa a oposição que se estabelece entre a rua Aladino¹⁴, onde vivia o casal que apoiava o regime, e o local onde morava Claudia, uma vila composta pelas ruas Neftalí Reyes Basoalto e Lucila Godoy Alcayaga¹⁵. Assim, enquanto a filha do militante clandestino habitava a vila dos “homens reais”, as “(...) famílias novas, sem história, do Chile de Pinochet”¹⁶ viviam em travessas de fantasia. Mais tarde, no entanto, essa sensação de proteção e isolamento passa a ser objeto de reflexão do narrador:

Hoje não entendo bem a liberdade de que gozávamos na época. Vivíamos numa ditadura, falava-se de crimes e atentados, de estado de sítio e toque de recolher, e mesmo assim nada me impedia de passar o dia vagando longe de casa. As ruas de Maipú não eram, então, perigosas? De noite sim, e de dia também, mas, com arrogância ou com inocência, ou com uma mescla de arrogância e inocência, os adultos brincavam de ignorar o perigo: brincavam de pensar que o descontentamento

¹² ZAMBRA, Alejandro. *Formas de voltar para casa*. São Paulo: Planeta, 2019. p. 63-64.

¹³ Ibid. p. 20.

¹⁴ No bairro de Maipú, em Santiago, a rua Aladino está ligada a outras três ruas com nomes de personagens de fantasia: Rua Odín, Rua Ramayana e Rua Merlin.

¹⁵ Esses são, respectivamente, os nomes verdadeiros de Pablo Neruda e Gabriela Mistral.

¹⁶ ZAMBRA, Alejandro. *Formas de voltar para casa*. São Paulo: Planeta, 2019. p. 63.

era coisa de pobres e o poder, assunto dos ricos, e ninguém era pobre nem rico, pelo menos não ainda, naquelas ruas, naquela época.¹⁷

Esse trecho também é representativo dos muitos questionamentos que os personagens, já na vida adulta, dirigem a suas infâncias e a suas famílias. É, aliás, durante o período iniciado após o fim da ditadura, que se desenrola boa parte das duas narrativas: em *Formas de voltar para casa*, os acontecimentos mais recentes se passam no ano de 2010; em *A subtração*, no ano de 2013. Por meio de imagens criadas por Alejandro Zambra e Alia Trabucco Zerán, vemos o espelhamento entre ditadura e pós-ditadura. São imagens de destruição e ruína que, a despeito da transição para a democracia, voltam a ocorrer no Chile, o que aponta para as muitas marcas do período ditatorial que se fazem presentes, ainda hoje, no país.

Em *Formas de voltar para casa*, a imagem que se repete é a do terremoto, um deles ocorrido em março de 1985 e o mais recente, em fevereiro de 2010. Os dois abalos, de fato, aconteceram e são recuperados por Zambra como uma espécie de ponte que une não apenas criador e criatura – no caso, o personagem-escritor e seu protagonista –, mas também passado e presente, afinal o primeiro ocorre durante o regime pinochetista e o segundo, pouco depois da eleição de Sebastián Piñera, político que representa os interesses da direita no Chile. Já em *A subtração*, a imagem que retorna é a das cinzas, um fenômeno inexplicável que cobre Santiago durante os anos de ditadura e volta a ocorrer em 2013, com o retorno da personagem Paloma. No universo do romance, as cinzas representam os restos de uma cidade “mortuária”, aquilo que permanece dos mortos e desaparecidos da ditadura.

Assim, os dois autores partem de preocupações do presente na construção de suas narrativas. Como já foi dito, no momento da escrita de *Formas de voltar para casa*, o Chile assistia à eleição de um candidato com pautas econômicas e sociais bastante similares às daquelas dos anos sob Pinochet. Já o romance *A subtração* foi publicado durante o primeiro mandato de Piñera e após a importante onda de protestos estudantis de 2011 que, entre outras questões, levantaram a questão das políticas educacionais herdadas da ditadura.

Herança e trauma

O esvaziamento do Estado com as políticas de cunho neoliberal é um importante resquício da ditadura no Chile atual, que operou sua transição sem solavancos, com base na

¹⁷ Ibid. p. 21-22.

pactuação e no silenciamento de pautas que significassem alguma ameaça à desejada estabilidade política¹⁸. Desse modo, nos dois livros, o acerto de contas que não parece ter sido possível no âmbito político e institucional se transfere para o plano familiar. Enquanto em *Formas de voltar para casa*, os personagens se dirigem aos pais em tom acusatório, questionando o porquê de sua omissão, em *A subtração*, o julgamento conduzido pelos filhos diz respeito às consequências pessoais da militância dos pais. Assim, enquanto os personagens de Alejandro Zambra se envergonham por pertencer a famílias sem mortos, aqueles do livro de Alia Trabucco Zerán possuem mortos demais.

Mesmo ocupando lados opostos por conta das visões políticas de suas famílias, as crianças desses dois romances compartilham vivências, afinal estavam atravessadas pelo contexto de violência e medo, mesmo aquelas que viviam mais protegidas e afastadas, como acontece em *Formas de voltar para casa*. Durante as leituras, percebemos que as crianças acessavam as informações – ainda que essas chegassem de forma parcial e fossem transmitidas mais pelo não dito – e buscavam compreender e elaborar o que se passava a sua volta. Um exemplo é o episódio contido no romance de Zambra, no qual o personagem, ainda menino, pergunta a um professor o que é ser um comunista e, como resposta, recebe um aviso cauteloso de que, naquele momento, ele não deveria falar sobre esse assunto, mas que no futuro isso seria possível, ao que a criança acrescenta: “(...) quando a ditadura terminar”¹⁹. Desse modo, fica claro que ela não apenas sabia da existência de uma ditadura, mas também entendia que isso significava a impossibilidade de opinar livremente.

Cercadas pela impossibilidade da palavra, essas crianças buscam, por meio das brincadeiras, dar significado às suas experiências e elaborar seus medos. Nos dois livros são muitas as referências a jogos que simulam desaparecimentos, mortes, torturas e sacrifícios. Assim, por meio da fantasia, acessam o mundo dos adultos e tentam aplacar a dor ou, ao menos, torná-la palpável e legítima:

¹⁸ Lembremos que são justamente os muitos resquícios da ditadura – a começar pela Constituição do país, imposta em 1980 – que levaram milhares de manifestantes às ruas no ano de 2019, em protesto às políticas neoliberais e ao elevado custo de vida. Frente às manifestações, o governo invocou a Lei de Segurança Nacional, declarou Estado de Emergência e ordenou o toque de recolher em várias localidades. Foram muitas as denúncias de violações dos direitos humanos, o que, mais uma vez, aponta para as continuidades tanto no aspecto econômico como no uso da violência para o controle social. Finalmente, agora em 2021, fruto dessas mobilizações populares, uma Assembleia Constituinte, liderada por uma mulher mapuche, está reunida no Chile para redigir a nova Constituição.

¹⁹ ZAMBRA, Alejandro. *Formas de voltar para casa*. São Paulo: Planeta, 2019. p. 37.

(...) Sua unha se movia em um ritmo constante. Coçava. Abria. Ela e eu podíamos fazer aquilo durante horas: minha mão quieta e a dela agitando-se da direita para a esquerda, sem parar. Até que sob sua unha já não restasse mais espaço. Porque minha pele descascada o invadia. Porque meu sangue se amontoava (e a unha continuava se mexendo, isso mesmo, mais rápido, Camila, cada som uma camada de minha pele, continue, abrindo-se rosada, vermelha, branca, isso mesmo, continue). Minha mão demorava semanas para ficar boa, mas ao menos era uma dor real: uma dor visível e minha.²⁰

Nos dois romances, vemos que os adultos procuram cindir o seu universo – aquele onde se vive na pele as consequências da violência e se têm autorização para viver o luto – e o das crianças, que supostamente vivem a experiência nas margens e, por isso, não compreendem o suficiente nem devem sofrer. No entanto, em ambos os livros vemos que essa divisão não se sustenta, já que a dor, o estranhamento e o medo atravessam os personagens independentemente de suas idades.

Ainda que haja muitas convergências entre os personagens de *Formas de voltar para casa* e de *A subtração*, é possível observar uma distinção sutil. No livro de Zambra, os narradores reivindicam na vida adulta o direito de compreender e de falar, como se, apenas agora – e por meio da literatura – pudessem participar dos acontecimentos, abandonar a fantasia e ingressar no mundo dos homens reais. Já Iquela, Felipe, Paloma, mais próximos da violência da ditadura, reivindicam o direito de sofrer e de se enlutar não apenas pelos torturados, exilados e mortos de suas famílias, mas também pelas pequenas mortes que os eventos de violência provocaram em suas juventudes. É este o significado contido no grito de uma das filhas que habitam o romance: “Este funeral é meu”²¹.

Tanto uma reivindicação quanto a outra constituem os caminhos apontados por Elizabeth Jelin²² para os trabalhos da memória. Segundo a autora, para evitar os perigos do esquecimento e da repetição ritualizada do passado – atitudes dos pais nos dois livros –, é necessário, de um lado, que haja uma reflexão ativa sobre esse passado e, de outro, a vivência do luto. Assim, é apenas na busca por entendimento e diálogo empreendida pelos personagens de Zambra e na luta dos personagens de Zerán por viver as próprias mortes, é possível encontrar alguma elaboração para o trauma.

Além da dor, a memória também está em disputa entre as gerações presentes nos dois livros. São memórias distintas, que ecoam as diferentes vivências de um tempo. A noite do

²⁰ ZERÁN, Alia Trabucco. *A subtração*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020. p. 116.

²¹ *Ibid.* p. 167.

²² JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Colección Memorias de la Represión. Madrid: Siglo XXI de España Editores. 2002.

plebiscito, episódio que abre *A subtração*, desperta nos adultos o sentimento de entusiasmo, mas também o medo de que os resultados não fossem respeitados. Aparece ainda a nostalgia, por conta dos reencontros entre companheiros há muito afastados e que, naquele dia, se uniam à espera da contagem dos votos. Já para Iquela, que se refere à reunião como uma “festa chatíssima”²³, a mesma noite representou a passagem da infância para a adolescência: enterra suas bonecas, dá seu primeiro beijo, bebe álcool e fuma um cigarro. Esses personagens jovens possuem, assim, memórias próprias dos tempos de ditadura, que nem sempre coincidem com aquelas de seus pais. Ao abordarem esse conflito geracional, Alejandro Zambra e Alia Trabuco Zerán, por meio da literatura, colocam questões que têm merecido a atenção das pesquisas relacionadas às relações entre História e memória: afinal, quem encarna a “verdadeira” memória? É legítimo o relato daqueles que não foram vítimas diretas?

Como já foi dito, em nome da estabilidade política, muitos entraves institucionais se fizeram presentes durante a transição chilena para a democracia, o que significou a manutenção de políticas sociais e econômicas herdadas da ditadura e a frequente impossibilidade de obter justiça para as vítimas da violência estatal. Nesse cenário, as brechas têm sido encontradas principalmente no plano social, por meio dos movimentos em defesa dos direitos humanos, e no plano cultural, com o importante papel de diversas manifestações artísticas e intelectuais. A produção literária dos escritores chilenos citados ao longo desta apresentação tem sido um veículo por meio do qual estão representadas as preocupações e debates candentes não apenas do Chile dos anos 1970 e 1980, mas também do Chile atual. É justamente a essa produção e seus alcances que esta pesquisa se dedicará em suas próximas etapas.

Referências Bibliográficas

AMARO, Lorena. Formas de salir de casa, o cómo escapar del Ogro: relatos de filiación en la literatura chilena reciente. *Literatura y Lingüística*, n. 29, 2013. p. 109-129.

FERNANDEZ, Nona. *Space Invaders*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020.

FERRADA, Maria José. *Kramp*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020.

HIRSCH, Marianne. The generation of postmemory. *Poetics Today*, n. 29, v. 1, 2008, p. 103-128.

²³ ZERÁN, Alia Trabucco. *A subtração*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020. p. 14.

JEFTANIVIC, Andrea. A necessidade de ser filho. In: Jeftanovic, Andrea. *Não aceite caramelos de estranhos*. São Paulo: Mundaréu, 2020.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Colección Memorias de la Represión. Madrid: Siglo XXI de España Editores. 2002.

SARLO, Beatriz. Pós-memória, reconstituições. In: SARLO, B. *Tempo Passado*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 90-113.

ZAMBRA, Alejandro. *Formas de voltar para casa*. São Paulo: Planeta, 2019.

ZAMBRA, Alejandro. La literatura de los hijos. In: ZAMBRA, Alejandro. *No leer*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2009.

ZERÁN, Alia Trabucco. *A subtração*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020.